

Cotas para garantir diversidade nos conselhos de administração

» CAROL CONWAY

Presidente da Associação Brasileira de Internet (Abranet) e cofundadora do Women on Board

» PATRÍCIA MARINS

Sócia-fundadora da Oficina Consultoria de Reputação e Gestão de Relacionamento e cofundadora do Women on Board

Busca pela igualdade de gênero e diversidade nos altos escalões políticos e corporativos é uma jornada que desafia o mundo. Segundo o Fórum Econômico Mundial, alcançar a tão almejada paridade pode levar até 131 anos, apesar de reconhecermos os benefícios que a diversidade traz, como novos paradigmas, crescimento econômico e satisfação social. A Universidade de Wharton destaca, em seu curso de governança, que a presença feminina está associada a melhorias no desempenho a longo prazo, redução da volatilidade no mercado de ações e contribuições para questões ambientais, sociais e de governança (ESG). No entanto, apesar das inúmeras vantagens econômicas de grupos mais diversos, mudar a cultura vigente exige tempo, esforço e até mesmo inovações tecnológicas.

É importante reconhecer os avanços conquistados. Entre 2019 e 2022, houve um aumento significativo de 169% na diversidade, equidade e inclusão nas contratações globais. Apesar disso, quando observamos os cargos de liderança, muitos ainda permanecem inacessíveis. No Brasil, embora a participação feminina como CEOs e em outras posições de liderança tenha aumentado de 13% para 17%, segundo pesquisa Talenses Group com o Insuper, ainda é fato que 80% desses cargos estão nas mãos de homens, majoritariamente brancos.

O Brasil também se destaca negativamente na representação feminina nos conselhos de empresas latino-americanas, com apenas 25,3% das cadeiras ocupadas por mulheres. Países como Colômbia e Panamá têm 45% de representatividade feminina nesse tipo de conselho, segundo pesquisa do Banco Mundial. A deputada Tabata Amaral (PSB-SP) propôs um projeto de lei (PL 1.246/2021) para garantir maior diversidade nesses órgãos, buscando estabelecer 30% de cota, além de ampliar a inclusão de mulheres negras, lésbicas, bissexuais, transsexuais, intersexuais e com deficiência.

Há poucos anos, encontrar mais de duas mulheres “a bordo” dos conselhos era uma raridade. Em 2019, o Women on Board (WOB) foi criado, em parceria com a ONU Mulheres e o Pacto Global da ONU, para dar um selo comprobatório da participação feminina em conselhos de empresas. À época, mais da metade das companhias brasileiras listadas na Bolsa de Valores não tinha nenhuma mulher nessa composição.

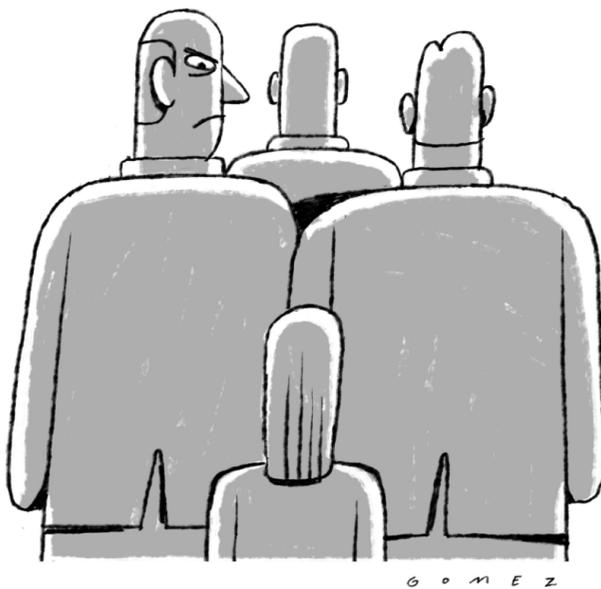
Hoje, esse número é um pouco mais expressivo, porém ainda muito preocupante. Em agosto de 2023, a B3 divulgou um estudo feito com 343 empresas listadas mostrando que, de cada 100 empresas com ações negociadas em Bolsa no país, 55 carecem de mulheres em cargos de diretoria estatutária, 36 não têm participação feminina entre os conselheiros de administração e 29 têm apenas uma mulher

na diretoria. Para piorar, apenas 11% dessas empresas têm pelo menos uma pessoa negra na liderança.

Se olharmos os dados de companhias não listadas na Bolsa, que representam a maioria no Brasil, a situação é ainda mais preocupante: 67% não têm mulheres na liderança, e, pela ausência de obrigatoriedade legal (a adoção é voluntária), muitas vezes não existe uma estrutura de governança bem definida. Nas que têm, apenas 12% relatam a existência de conselhos “diversificados” (com duas mulheres, um conselheiro com menos de 40 anos, um membro que não pertence à família e outro de indústria diferente), segundo pesquisa da PWC com a FBN (Family Business Network). Ou seja, se ainda se discute a importância da governança, o que dizer da diversidade?

A revolução da inteligência artificial traz desafios adicionais. Os vieses da IA estão postos e foram tema de debate no SXSW, o maior festival de tecnologia e inovação do mundo, realizado em março nos EUA. Entre as inúmeras palestras, a futurista Ammy Webb e a ativista doutora Joy Buolamwini mostraram dados concretos sobre o preconceito da IA contra grupos minorizados. Há mais de dois anos, as duas perguntam a diversos desses sistemas de IA sobre o perfil de líderes empresariais, e nenhum — frise-se, nenhum — aponta uma mulher ocupando postos de liderança ou de CEO. São sempre homens brancos e grisalhos.

Joy fundou o movimento Liga da Justiça



Algoritma, para construir um mundo com uma IA mais equitativa e responsável. Ela constatou que “a construção dos algoritmos não considera gênero, raça e classe. Não reconhece minorias, principalmente mulheres negras”.

É fundamental que a tecnologia seja uma aliada na busca pela equidade de gênero, e não uma barreira. Uma alternativa poderosa é a legislação. Chegou a hora de aprovar o PL das cotas para mulheres em conselhos de administração no Brasil.

Entre os pioneiros nesse caminho, a Noruega aprovou uma regra em 2004 que exige que 40% dos membros do conselho sejam mulheres. Em 2015, Espanha, França e Islândia determinaram uma quota de 30%. A Califórnia foi o primeiro e único estado dos EUA a estabelecer pelo menos três mulheres entre seis ou mais membros.

A luta pela equidade de gênero é uma pauta de todos, pois a diversidade é um catalisador de sucesso. Enquanto nos esforçamos para posicionar o Brasil na era da inteligência artificial, devemos fortalecer grupos diversificados para alcançar o sucesso globalmente. O Brasil tem a oportunidade de avançar com o projeto em discussão no Senado. Como disse William Ury, famoso negociador e professor de Harvard que também estava no SX-SW, a diversidade é benéfica para todos, e juntos podemos construir um futuro mais igualitário e próspero. A pluralidade garante muito mais sucesso aos conselhos.

Letramento informacional: como sobreviver à internet

» FERNANDA OLIVETO

Mestre em educação pela Universidade de Brasília, analista ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade e bolsista do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

Em 1917 quando duas meninas criativas e talentosas, Elsie e a prima Frances Griffiths, em Bradford, Inglaterra, criaram uma fake news tão aparentemente real que chegaram a enganar o grande Arthur Conan Doyle. Ele escreveu um livro sobre o caso (*The coming of the fairies*) e produziu artigos para revistas, entre os quais *Fairies photographed* e *Strand Magazine*.

Tratava-se de fotos que registravam encontros das meninas com fadinhas encantadas. O caso ficou conhecido como as Fadas de Cottingley. Apenas na década de 1980, o editor do *British Journal of Photography* à época, Geoffrey Crawley, pôs fim à questão, provando que as fadas eram de papel e estavam suspensas por fios.

Uma prova evidente do poder de manipulação da verdade. Nas mãos das primas inglesas, o caso tomou ares pitorescos, até pela ingenuidade da invenção, mas, o que poderia ter acontecido se, em vez de fadas, fosse algo menos lúdico, com viés acusatório, para prejuízo de alguém? Afinal, é relativamente fácil modificar dados, maquiá-los e utilizá-los para finalidades diversas. Hoje, com a internet, assistimos, quase que impotentes, à proliferação de notícias falsas e golpes de todo o tipo.

A era da informação trouxe o progresso para vários setores, mas também trouxe bruxas no lugar de fadas. Diante do avanço das tecnologias de informação e comunicação (TICs), é preciso discutir, a partir de um olhar crítico, cauteloso e não negativista, as possibilidades de enfrentamento dos riscos a que a sociedade está sujeita, de modo especial as crianças, por serem mais vulneráveis.

A fim de lidar com as fake news e com a exposição de dados pessoais, a educação se sustenta como a melhor estratégia para estimular o pensamento dialógico e crítico e desenvolver competências

em letramento informacional. Kelley Gasque, pesquisadora do tema e professora da Universidade de Brasília (UnB), define letramento informacional como o processo de desenvolvimento de competências para localizar, selecionar, acessar, organizar, usar informação e gerar conhecimento, visando à tomada de decisão e à resolução de problemas. Segundo a autora, o letramento informacional capacita os aprendizes para a busca e o uso da informação de maneira eficiente e eficaz.

Uma das lições que a pandemia de covid-19 trouxe foi a iminência de serem desenvolvidas competências informacionais para a sobrevivência no mundo hiperconectado. Para que isso ocorra, e não será algo temporário, mas em longo prazo, o letramento informacional deve ser um conteúdo obrigatório nos planos de curso desde a infância.

Com a inserção de questões como comportamento informacional, identificação de fontes confiáveis, navegação segura, proteção de dados e informações pessoais, a criança em formação aprenderá um verdadeiro protocolo para a navegação defensiva, ou seja, a navegar na internet, realizar buscas por informações, flunar por páginas de sites diversos, fazer compras em lojas de e-comércio, participar de redes sociais, ir a consultas remotas, pagar contas em bancos virtuais e fazer todo tipo de procedimento possível através da rede.

Agindo com cautela, de maneira defensiva, a sociedade conseguirá ter mais liberdade para fazer escolhas virtuais sem que, para isso, tenha de pagar o preço alto de ter sua vida exposta ou sua conta zerada por algum hacker.

A capacidade de agir com criticidade diante do bombardeio de informações a que somos expostos diariamente é um dos alicerces do letramento informacional. Com esse objetivo, pretende-se

que a sociedade desenvolva uma postura reflexiva e crítica, e seja incentivada, desde a idade escolar, a agir de forma consciente de sua posição no mundo globalizado. Entretanto, há muito o que se fazer, em especial no Brasil, para que o letramento informacional seja uma realidade para a população e consiga colher os frutos almeçados com o amadurecimento e implementação da proposta.

As seduções das TICs são muitas e apelam para todos os sentidos — sobretudo o visual. Não só palavras, mas imagens são manipuladas para apresentar uma verdade forjada (lembra-se das fadas?), cuja intenção é ludibriar e conservar o interesse de uma minoria cujos interesses são manter seu domínio econômico e político.

O letramento informacional sustenta-se com umas formações mais relevantes no momento, pois, sem ele, vive-se à margem de tudo, das questões políticas, da defesa dos direitos, da proteção à própria vida, da conservação da biodiversidade, entre outros temas relevantes dos quais ficará aliado.

Nesse contexto, o letramento informacional é, portanto, uma ferramenta para a cidadania, um instrumento que dota o ser da capacidade de nutrir-se da informação da melhor forma possível, e promovendo a construção do conhecimento e exercitando a indagação, o aprendizado e o posicionamento do ser no contexto em que vive.

Agir assim é ser protagonista da própria história, é exercer, em plenitude, a cidadania. O futuro está traçado em bytes, megabytes, de forma que não é possível fugir da tecnologia, até porque ela traz inúmeras vantagens e perspectivas interessantes para todas as áreas do conhecimento. O desafio é conviver com as dicotomias da tecnologia, dotando-se de competências para reconhecer e, se não debelar, minimizar os prejuízos.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

A grande consciência do mundo

Autor de mais de 75 livros sobre teorias do pensamento, abordando desde assuntos relativos ao caos e à evolução humana, o filósofo e pacifista húngaro, Ervin Laszlo (1932-) é figura de proa dentro do Clube de Roma, onde estudiosos de ponta discutem, desde 1993 a evolução dos valores e a consciência humana, como fatores cruciais contra a degradação de nossa espécie.

Para aqueles que, erroneamente, acreditam que essas são questões sem muita importância nos dias atuais, basta ressaltar que sem esse tipo de discussão, qualquer outro caminho empreendido pelo homem sobre o planeta, é uma viagem rumo certo ao abismo e à auto-destruição.

Sem discussões que abordem a problemática do humanismo, da ética e da sustentabilidade global, todo e qualquer esforço da humanidade é inútil e perigoso. Para pensadores desse quilate, temos que parar de seguir caminhos separados e destrutivos, tanto com relação ao meio ambiente, como em relação a nosso processo de interação e socialização.

A questão é tão básica que parece não ser devidamente notada por nós: ao danificarmos o meio ambiente, querendo ou não, criamos conflitos entre nós mesmos, entre ricos e pobres, entre Norte e Sul. Temos, segundo ele prega, que aproveitar a oportunidade única e preciosa dada a nós pela natureza, que nos dotou de alto nível de consciência, diferente do que ocorre em outras espécies presentes no planeta.

É isso que faz com que uma espécie entre em extinção e outras consigam avançar na caminhada da vida. Esse é, na visão do filósofo, um presente de Deus à humanidade e que sempre esteve em nossa mente. Ou ouvimos essa frequência interna de harmonia com o meio, ou vamos numa direção onde as possibilidades de vida nos parecerão irreversíveis. O problema maior é que o homem atual parece presa fácil de uma outra frequência, que pode levá-lo ao suicídio. Temos, portanto, que aproveitar essa frequência de criação para nos mover sempre em direção a algo melhor, mais natural e alinhado com o universo, com a fonte, com a origem. Para Laszlo, essa é a chave para a redenção do homem. É preciso entender que a autoridade que buscamos para nos alinhar com a natureza, ao contrário do que muitos dizem, não está fora de nós, mas dentro de cada ser vivo neste planeta e onde quer que haja vida neste universo.

Laszlo denomina de atrator holotrópico, que poderia ser traduzido como uma tendência natural em nós, para crescermos em direção a um sistema superior e coerente, com um grau de elevada consciência de alma, tal como ocorre em todo o universo. Devemos, pois, extrair lições dessa ligação com o universo e com o realinhamento com a vida. É dessa maneira que devemos viver sobre o planeta.

Temos que ficar atentos também, segundo diz, aos limites do crescimento material, tendo em mente que esses limites são importantes, pois nos alertam para a questão de que nem tudo é permitido. Essa sensação de que nem tudo pode ser feito, já que somos parte de um sistema vivo, que possui sua própria dinâmica e, portanto, possui suas próprias limitações e possibilidades.

É hora, pensa Laszlo, de voltarmos no tempo para refletir sobre a tendência evolutiva se quisermos ser parte integrante dela. A consciência é o que os antigos costumavam definir como alma e espírito. É um elemento único e útil ao homem. A consciência, assim como o espírito, é algo não material e faz da vida algo muito mais importante do que a matéria e a ilusão de que ela seja fundamental.

A consciência do mundo (que é um fenômeno espiritual) é mais importante até do que o próprio mundo (que é um fenômeno físico). A evolução está num nível superior e nos orienta a voltar no tempo. Nos conectarmos uns com os outros e com a natureza, da mesma forma que fizemos anteriormente, quando ainda percebíamos que não poderíamos viver apartados e distantes uns dos outros e da própria natureza.

A frase que foi pronunciada:

“Quem pensa de maneira massificada, quando alguém começa pensar diferente é incômodo. Porque mostra que é possível pensar diferente. Quebrase o conforto de todo mundo.”

Lúcia Helena Galvão

História de Brasília

A carta será encaminhada ao nosso Lenini, gerente em Brasília, do consórcio Varig Real. O elogio está feito, e o fato de você não ter nascido em Mondubim, não implica em que seu amigo fique, também, sem provar as delícias de um doce de leite. (Publicada em 4/4/1962)